ANAIS
VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE DA FUNDARTE
III SEMINÁRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DA UERGS/MONTENEGRO
2015

# A fotografia das pichações nas paredes do Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini: sensibilidades para uma educação patrimonial

**Célia Margela Arnold** [1]
Centro Universitário La Salle – Unilassale

**Resumo:** A dissertação intitulada *A fotografia das pichações nas paredes do Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini*: *sensibilidades para uma educação patrimonial* está inserida na linha de pesquisa "Memória, Cultura e Identidade do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais" da Unilasalle. Objetiva dar visibilidade a uma das mais importantes construções destinadas ao ensino público, localizada na cidade de Novo Hamburgo, integrante, em 2003, ao Patrimônio Cultural e Histórico do Rio Grande do Sul. Construído em estilo *Art Déco* no final da década de 1920, diferencia-se das demais formas arquitetônicas, fazendo com que desperte nos alunos uma relação de estranhamento entre culturas, também, do passado com o presente. Nas últimas décadas o prédio e sua vasta área sofrem com as precárias condições de preservação e o crescente descaso do estado. A inquietação para essa dissertação foi perceber, durante as saídas com a máquina fotográfica ao colégio, revelando, além do esquecimento, um diálogo entre alunos e instituição, através das pichações. E pensar em educação patrimonial vinculada a pichação, se tornou um desafio. Partimos das pichações nas paredes do colégio para questionar as maneiras como a comunidade escolar se relaciona com os espaços e as memórias desse lugar. Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo geral, sensibilizar os alunos participantes da oficina, que por meio dos seus olhares fotográficos, adquirissem uma conscientização de preservação, criando um sentimento de pertencimento a essa instituição. Como produto final, uma das exigências do mestrado, foi realizado uma exposição das fotografias produzidas pelos alunos participantes do projeto.

**Palavras-chave:** Educação patrimonial; fotografia; pichações.

A pesquisa intitulada *A fotografia das pichações nas paredes do Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini*: *sensibilidades para uma educação patrimonial,* objetiva dar visibilidade a uma das mais importantes construções arquitetônicas de origem alemã, localizada na cidade de Novo Hamburgo, no bairro histórico de Hamburgo Velho. Em 2003 o prédio e toda sua área arborizada foram integrados ao Patrimônio Cultural e Histórico do Rio Grande do Sul sob a Lei nº 11.986, de 14 de outubro de 2003, cujo Projeto de Lei n° 102/2003 é de autoria do deputado Paulo Azeredo[2].

[1] Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade FEEVALE (2009). Pós-Graduação em Educação Inclusiva pela Universidade Cidade de São Paulo – UNICID (2011)Mestra em Memória Social e Bens Culturais - UNILASALLE- Canoas/RS (2015).

[2] Os dados históricos da escola são uma compilação do site do Diário. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/diario/Proposicoes/PROP1268.htm>. Acesso em: 04 jun. 2015.



**Figura 1:** Escola Normal Católica construída de 1929 a 1931 com aspectos monumentais em estilo *Art déco.* Fonte: Fotografias do acervo do Colégio Pasqualini.

Prédio imponente, construído em estilo *Art Déco* no final da década de 1920, como mostra imagem, é um dos representantes do período de pujança econômica da história da imigração alemã, não apenas de Novo Hamburgo, mas de todo o Vale do Rio dos Sinos. Desde sua construção, foi destinado a funcionar como escola, fato que se mantém até a presente data. Diferencia-se das formas de construção destinadas ao ensino público. Traz evidentes marcas de outra cultura, fazendo com que desperte nos alunos uma relação, no mínimo, de estranhamento entre culturas e, também, do passado com o presente. Entretanto, nas últimas décadas o prédio e sua vasta área arborizada têm sofrido com as precárias condições de preservação e o crescente descaso das autoridades governamentais.

Após o relato acima é importante comentar os fatos que desencadearam a escrita desta dissertação. Sou formada em Artes Visuais, trabalho como professora e artista plástica. Acredito que toda pesquisa comece por uma inquietação e ver a degradação e o crescente abandono do imponente prédio de valor histórico, arquitetônico e memorial, que acolheu minha infância estudantil, é a grande razão da minha inquietação.

Em minhas seguidas visitas ao Colégio Pasqualini sempre me impactavam as pichações. Inicialmente, a reação era de indignação, mas posteriormente, comecei a repensá-las no momento que percebi que o que mais se aproximava das Artes Visuais

eram os rabiscos das pichações. Através desse olhar descubro o inusitado, um meio de desencadear uma conscientização patrimonial que dialogasse com a realidade desses alunos. Aqui nasce um novo olhar sobre as pichações. Esse ponto me remeteu ao *flâneur* descrito pelo poeta francês Charles Baudelaire e pelo pensador Walter Benjamin, uma espécie de caçador dos espaços fugidios. As saídas de campo, com a máquina fotográfica, pelos espaços do colégio revelaram o esquecimento de um patrimônio cultural não só da cidade, mas também do Estado do Rio Grande do Sul, e pensar em educação patrimonial vinculada a pichação se tornou um desafio.

Por isso, partiu-se das pichações nas paredes do colégio para questionar a maneira como a comunidade escolar se relaciona com os espaços e com as memórias do Colégio Pasqualini. Constatou-se que a linguagem das pichações nas paredes revela uma maneira muito particular de envolvimento dos alunos com o prédio. Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo geral sensibilizar a comunidade escolar, principalmente os alunos, por meio da fotografia das pichações grafadas nas paredes e no mobiliário dessa instituição, visando à conscientização para a preservação desse patrimônio, através de uma educação patrimonial.

Quanto aos objetivos específicos, busca-se através de uma oficina fotográfica consciencializar sobre alguns aspectos da história do colégio e suas memórias; promover o registro fotográfico das pichações existentes como ato de sensibilização; estimular a criação de um sentimento de pertencimento a esse espaço, que contribua para a preservação do mesmo e que essa educação patrimonial permaneça nas vivências posteriores. Para atingir esses objetivos de forma mais ampla e pragmática, foi organizada uma exposição fotográfica, que articule as pichações e as faces do prédio, para promover a visibilidade do mesmo como patrimônio cultural e histórico de grande importância, ampliando assim, a conscientização não apenas dos alunos envolvidos na oficina, mas aos demais alunos da escola.

A fotografia foi usada como elemento de registro, estético e também jornalístico. Esses elementos misturam-se, criando um tipo específico de fotografia que foi se formando no processo de experimentação e, portanto, adequado à finalidade dessa pesquisa. A questão estética foi fundamental para a construção de

novos olhares, consistindo num desafio educacional para encontrar a forma justa, em que a sensibilidade é posta em evidência.

A partir daí, o trabalho com a fotografia das pichações visou à conscientização das relações dos alunos com os espaços do colégio e suas adjacências, para criar um sentimento de pertencimento. Nessa direção, as fotografias foram abordadas como elemento disparador de educação. São formas de desencadear um processo de memória, consciencialização e valorização do patrimônio cultural. Por esse motivo elas não foram abordadas no seu sentido mais convencional, ou seja, como meras lembranças, mas como objetos capazes de produzir sentidos críticos, fundamentais para esta proposta educacional.

Outro fato importante é que as pichações são focadas por um viés em que as questões morais não são levadas em consideração, tais como: que elas causam danos ao patrimônio histórico e cultural. Sabe-se que as pichações e outras formas de agressão ao patrimônio causam danos e, muitos deles, têm sido frequentes e irreversíveis. Por extensão, os constantes roubos de placas de bronze e estátuas das praças e cemitérios. Portanto, parece paradoxal o uso das pichações, formas de agressão ao patrimônio, como uma maneira de promover a educação patrimonial.

As pichações têm neste trabalho, também, uma dimensão de caráter sociológico, pois são manifestações das diversas opressões sofridas por esse sujeito contemporâneo. As pichações são uma representação do entrelaçamento entre os acontecimentos do dia a dia e das emoções coletivas. Para Gagnebin (2002, p. 111) o mundo contemporâneo aparece em fragmentos e, esses traços de histórias, os quais podem ser chamados de “detalhes do mundo”, são como cicatrizes em um corpo. É nesse sentido que as pichações são enfocadas.

Com relação aos caminhos metodológicos, primeiramente foi realizada uma pesquisa documental em livros, fotografias e documentos da escola. Para conhecer melhor a história e as memórias do colégio entrevistou-se duas pessoas, que possibilitaram reviver, através de suas falas, um *outro tempo* do Colégio Pasqualini, como espaço *concentrado de lembrar*, tendo como princípio uma *vontade de memória,* descritos por Nora (1993). Quanto ao referencial teórico, aborda-se principalmente os estudos de Roland Barthes (1984; 1990), André Bazin (1991), Rosa Dias (2011),

Philippe Dubois (1994), Celso Favaretto (1999; 2010), Paulo Freire (1982; 2001; 2004), Evelina Grunberg (1995; 2007), Boris Kossoy (1972; 1980; 2001; 2007), Pierre Nora (1977; 1993), Sandra Pesavento (2003; 2005; 2007), Célia Ramos (1994), entre outros.

A primeira atitude metodológica, anterior às descritas acima, foi à escolha das pichações entre o período de 2000 a 2014. Essa escolha deve-se ao fato de que as mesmas representam a passagem para o terceiro milênio, chamada também de era digital. Período de transição que tem se caracterizado por profundas transformações, ensejadas pela globalização da economia, da comunicação e da cultura. A partir do ano 2000 constata-se uma crescente instabilidade em todos os setores, devido à brusca modificação de paradigmas. Atualmente vivencia-se um aceleramento da produção industrial, uma crescente banalização dos valores e um consumismo exacerbado, ocasionando novos comportamentos e, com isso, desestabilizando, inclusive, a educação. Esse recorte indica um período histórico em que estão ocorrendo desdobramentos contínuos e imprevisíveis. A educação da memória e do patrimônio pode contribuir para a construção do conhecimento, tanto individual como coletivo.

Dentro desse processo metodológico, foi realizada uma oficina, *Fotografia como veículo de sensibilidades*. Quarenta alunos com idades entre 14 e16 anos participaram da oficina, mas somente cinco se dispuseram a realizar a coleta das imagens. Os alunos envolvidos nessa atividade pertencem ao primeiro ano do Ensino Médio do turno da tarde. As aulas foram realizadas nos horários da disciplina de Artes Visuais do professor Marcos Murawski. De um montante de 213 imagens foram escolhidas 20, que ficaram expostas durante 15 dias, no auditório do Colégio Pasqualini, como produto do mestrado em Memória Social e Bens Culturais.

A exposição fotográfica teve um propósito prático: tornar visível o colégio como patrimônio para a comunidade escolar, a fim de que se estabeleçam vínculos de pertencimento com a história do colégio e, posteriormente, uma tomada de consciência de outros patrimônios da região. Além disso, a exposição poderá ser levada, em outro momento, a outros espaços de Novo Hamburgo ou fora dele, ampliando o diálogo entre memória, patrimônio e público em geral.

Durante todo processo da dissertação percebeu-se um apagamento das culturas regionais determinadas pela globalização e pela modernização do Brasil nas últimas duas décadas. No caso do Vale do Rio dos Sinos, a desenfreada especulação imobiliária é a grande responsável pela uniformização das construções arquitetônicas, implicando um apagamento e despersonalização das características da imigração alemã nessa região.

A abordagem pretendida para este trabalho no que tange à fotografia é tratá-la como elemento capaz de servir de ferramenta para uma educação patrimonial. Sendo assim, é crucial entendê-la em duas dimensões: a existência de um objeto e a natureza puramente simbólica, que desarticula o real viciado na tradição figurativa. Perturbando a consciência do espectador e, consequentemente, possibilitando novas formas de percepção da realidade. Podemos dizer que ocorre um conflito entre a cena registrada e o que ela carrega de memória e de possíveis associações.

Em toda metodologia da oficina a questão documental da fotografia sempre foi prioridade, entretanto, acrescentou-se uma visão estética para possibilitar maior riqueza na apreensão de detalhes constituintes do prédio. Foram escolhidas as imagens mais significativas, aquelas que mostraram vários aspectos do colégio na atualidade.

Quanto ao texto referente à leitura das imagens, esse foi construído pela pesquisadora, respeitando integralmente as “leituras de imagens” realizadas pelo grupo dos cinco alunos fotógrafos. Algumas palavras de cunho mais complexo foram utilizadas pela pesquisadora com a intenção de sintetizar as ideias do grupo, vinculadas numa fala extremamente coloquial.

A partir da formação desse novo olhar, os alunos perceberam o prédio como patrimônio cultural. Sendo a oficina fator determinante para a compreensão do prédio enquanto patrimônio, outra forma de vê-lo em sintonia com o contexto atual. Isso fica evidente na leitura da fotografia realizada pelos alunos.



**Figura 2:** Janela que dá acesso à cozinha no prédio central do Colégio Pasqualini
Fonte: Fotografia Camila Klein/ 14 anos. Acervo da pesquisadora, 2014.

A imagem fotografada é um detalhe de uma das janelas que dá acesso à cozinha, no prédio central do Colégio Pasqualini, fotografada em uma das oficinas pela aluna Camila.

Conforme as percepções dos alunos, o vidro nessa fotografia serve de suporte para pichação e para o reflexo do ambiente externo, neste caso, as nuvens refletidas na parte superior da imagem. Para eles, também há uma abertura para a imagem que está ao fundo. Percebem que nessa justaposição de imagens o vidro serve de tela para uma sobreposição de tempos, um perecível momento único.

Para a aluna Camila a palavra, externa, rompe com a disciplina cobrada, numa tentativa de entender-se no mundo. Diz ainda que nesse contexto, no qual não ouço, a pichação parece um grito mudo. Isso, para ela, talvez justifique a imensa vontade de escrever.

**Conclusão**

O muro de Berlim, por exemplo, serviu como diário contra o sistema de governo vigente na época, assim como as pichações do Colégio Pasqualini servem de metáforas para revelar subjetividades dos alunos, que nos convidam a pensar sobre suas histórias e através delas descobrirmos maneiras de criar um sistema de educação patrimonial, que propicie maior sincronia com as mais diversas questões cotidianas. Exatamente isso, que torna a consciência de patrimônio um dos elementos capazes de criar uma existência crítica.

Procurou-se, neste trabalho, uma abordagem de educação patrimonial e de memória que colocasse constantemente as relações entre vida (vivências) e os objetos patrimoniais. Essa relação de proximidade envolveu os alunos no processo de uma consciência que se formou a partir de suas experiências fotográficas em relação às pichações, que por sua vez, tinham como suporte as paredes da escola. Na medida em que tomavam consciência das pichações, automaticamente, em contraposição, tomavam consciência do prédio como patrimônio cultural. A educação patrimonial proposta por essa dissertação foi realizada levando-se em consideração aspectos do mundo contemporâneo, entre eles, a crescente *fragmentação e disjunção* de nossa contemporaneidade.

Por isso, buscou-se uma educação patrimonial que possibilite a compreensão e um agir diferenciado no mundo contemporâneo, uma consciência de tempo que não despreze a memória e que faça dela um elemento crucial na formação de um sujeito capaz de ser protagonista de sua própria história, através de uma relação dialética, vivida na sua inserção na natureza e na cultura.

**Referências**

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAZIN, André. “Ontologia da imagem fotográfica”. In: **A experiência do Cinema**. Ismail Xavier (org). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.

DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DUBOIS, Philippe. **O ato Fotográfico**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, Papirus, 1994.

FAVARETTO, Celso F. Arte contemporânea e educação. **Revista Iberoamericana de Educación**. N.º 53, 2010, Pp. 225-235. Disponível em: <http://www.rieoei.org/rie53a10.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2013.

_____. É isso Arte? **12'43''/Itaú Cultural**. 1999. Disponível em: <**https://www.youtube.com/watch?v=KqZgBlBFs70**>. Acesso em: 03 nov. 2013.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na civilização**. Trad. Paulo César de Souza – São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Coleção O Mundo, Hoje, v.21). 1982.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 148p. (Coleção leitura) 2004.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: ____. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: editora 34, 2002. Pp.125-133.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007. Disponível em: <http://educacaopatrimonial.files. wordpress.com/2010/08/maualatividadespraticasevelina03mar08web.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2013.

_____. Educação Patrimonial – utilização dos bens culturais como recursos educacionais. In: **Encontro de Museus do Mercosul**. São Miguel, 1995.

KOSSOY, Boris. A fotografia: um documento estético-social. **Cultura, Brasília**, v.2, n.8, p.26-39, out.-dez. 1972 (HF).

_____. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia, 1980 (TM).

_____. **Fotografia e História**. 2. ed. rev. São Paulo: ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. **A Nova História**. Coleção Lugar de História. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

_____. **Pierre Nora, ou o Historiador da Memória**. Entrevista realizada por Ana Cláudia Fonseca Brefe. UNICAMP, 1999. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/363/314>. Acesso em: 04 nov. 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, Frederique (Orgs.). **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9-21.

_____. Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX). In: **História Cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229 >. Acesso em: 04 ago. 2013.

RAMOS, Célia M. A. **Grafite, Pichação & Cia.** São Paulo: Annablume, 1994.